

Resenha | Science Fiction as Cultural Phenomenon: A Re-Evaluation (1963) de Mark R. Hillegas

HILLEGAS, Mark R. *Science Fiction as Cultural Phenomenon: A Re-evaluation*. *Extrapolation: A Science-Fiction Newsletter*, v. 4, n. 2, p. 26–33, 1963.

O artigo *Science Fiction as Cultural Phenomenon: A Re-evaluation* de Mark R. Hillegas foi fruto duma discussão apresentada no encontro da *Modern Language Association of America* realizado em dezembro de 1962.

Hillegas destacou que há um padrão de análises a respeito da Ficção Científica que ganhou força. Tratava-se da análise de conteúdo que determinava como a literatura popular revelava valores e atitudes gerais. A outra possibilidade analítica era pensar na Ficção Científica como uma manifestação cultural, uma vez que o seu público (autores e leitores) tinham um *background* social compartilhado.

Um terceiro viés era a ideia que a Ficção Científica expressava dois elementos centrais da cultura ocidental: I) o conhecimento científico pode compreender o mundo natural; II) universo como uma máquina que é indiferente ao homem e carece duma intencionalidade. A conclusão desta linha de raciocínio afirmava que a Ficção Científica servia como expressão dum novo mito – a modernidade.

Hillegas rejeitou tais visões, afirmando que eram insuficientes. Isso porque após a Segunda Guerra Mundial, a Ficção Científica problematizou a relação entre progresso, ciência e a humanidade; as interfaces entre trabalho, liberdade e justiça, a partir de mundos dominados pelas máquinas.

No entender de Hillegas, a Ficção Científica não deve ser reduzida a uma forma padrão ou genérica. Trata-se duma coleção de vários gêneros, como a distopia, a pós-catastrofe e a Ficção Espacial.

Hillegas defendeu que a distopia operava a partir da extrapolação de tendências que já existiam; seja na forma dum “pesadelo” ou duma sátira. Propostas exemplificadas por obras como *Player Piano* (1962) de Kurt Vonnegut; *The Space Merchants* (1952) de Cyril M. Kornbluth e Frederik Pohl; *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury.

A pós-catastrofe se focava na representação de colapsos da civilização após algum tipo de evento e permitiam ao autor explorar a reação e as estratégias da humanidade para sobreviver. Tal como foi o caso de John Wyndham em *Re-Birth* (1953) e Walter M. Miller em *A Canticle for Leibowitz* (1959).

A Ficção Espacial (*Space Opera*) foi dividido por Hillegas em duas categorias: *viagem cósmica* e *ficção espacial*. O conceito da *viagem cósmica* foi utilizado por Marjorie Hope Nicolson para descrever as obras que utilizavam de viagens imaginárias para alçar a outros mundos. A ênfase estava na viagem e na descrição dos novos planetas, sendo a forma dominante entre os séculos 17 e 19, como em *Somnium* (1634) de Johannes Kepler; *The Man in the Moone* (1638) de Francis Godwin. No século 20, *Out of Silent Planet* (1938) de C. S. Lewis ofereceu uma das últimas propostas.

A *viagem cósmica* começou a ser substituída na década de 1930. As *revistas pulp* criaram uma possibilidade narrativa que, tal como apontou Hillegas, desconsiderava a maior parte dos problemas envolvidos numa viagem e tomava como foco as aventuras em outros planetas.

Hillegas insistiu que os mundos da *ficção espacial* são radicalmente distintos daqueles da utopia. O mundo apresentado era tratado a partir do conhecimento científico moderno, fazendo uso de teorias da biologia e da evolução; bem como adentrando nas culturas alienígenas.

O que viabilizou uma crítica social distinta daquela realizada pelas utopias. Os mecanismos de distorção, inversão, comparação e contraste permitiam deslocar o homem da sua oposição central e refletir sobre a naturalização de categoriais

sociais e naturais. Proposta que era mobilizada tanto pelas obras que traziam o contato entre duas espécies; como aquelas que narravam invasões e conflitos.

Por fim, Hillegas concordou que a Ficção Científica poderia ser compreendida como um mito contemporâneo. Todavia, tal visão deveria ser depurada, uma vez que as possibilidades de crítica histórica e social variam. Ora, “the mythic constituent is not what is important about science fiction”. (P. 32) (HILLEGAS, 1963. p. 32)

[...] science fiction has a significance in itself which far transcends its importance as an index to our culture. It is an interesting, vital phenomenon whose characteristics ought to dictate the nature of any investigation of it. (HILLEGAS, 1963. p. 33)



Autor: Willian Perpétuo Busch

Doutorando em História (UFPR), mestre em História (UFPR) e em Antropologia (UFPR), bacharel e licenciado em Filosofia (UFPR). [Ver todos os artigos de Willian Perpétuo Busch](#)



Willian Perpétuo Busch / Março 9, 2020 / Mark R. Hillegas, Resenhas /